


## O HUMOR COMO EFEITO DO SENTIDO DE SUJEITO NA LÍNGUA

### HUMOR AS AN EFFECT OF THE SENSE OF SUBJECT IN THE LANGUAGE

### EL HUMOR COMO EFECTO DEL SENTIDO DEL SUJETO EN LA LENGUA

 Sandro Braga<sup>1</sup>

1. Graduação em Letras. Doutorado em Linguística. UFSC. E-mail: sandrocombraga@gmail.com

**ABSTRACT:** Humor is meaning: a way to feel the meaning of the said and the subject of saying. Typically materialized in laughter as the corporeal materiality of the effect of words, humor is symbolic, humor is human. Thus, this article discusses the functioning of language in which the signifier comes into play to challenge the signified in a wager for another sense as an effect. To do this, we discuss the notion of laughter in Bergson, as a function, therefore, useful to society. Then, starting from the humor in the joke according to Freud and Lacan, in which the word said suspends the real of the language, I propose a reflection on the effect of humor as discourse, in the interplay of psychoanalysis and discourse analysis.

**Keywords:** Discourse, Psychoanalysis, Language, Humor, Meaning.

**RESUMO:** O humor é sentido: um modo de sentir o significar do dito e do sujeito do dizer. Tipicamente materializado no riso como materialidade corpórea do efeito da palavra, o humor é simbólico, o humor é de humano. Assim, este texto discute o funcionamento da língua em que o significante entra em jogo para pôr em xeque o significado numa aposta por um sentido outro como um efeito. Para isso, discutimos a noção de riso em Bergson, como função, portanto, útil à sociedade. Depois, a partir do humor no chiste em Freud e em Lacan em que a palavra dita suspende o real da língua, proponho uma reflexão do efeito do humor como discurso, no entremeio da psicanálise e da análise de discurso.

**Palavras-chave:** Discurso; Psicanálise; Língua; Humor; Sentido.

**RESUMEN:** El humor es sentido: una forma de sentir el sentido de lo que se dice y el sujeto del decir. Típicamente materializado en la risa como la materialidad corpórea del efecto de la palabra, el humor es simbólico, el humor es humano. Por lo tanto, este texto discute el funcionamiento de la lengua en el que el significante entra en juego para desafiar el sentido en una apuesta por otro sentido como efecto. Para ello, discutimos la noción de risa en Bergson, como función, por tanto, útil a la sociedad. Luego, a partir del humor en el chiste en Freud y en Lacan en que la palabra hablada suspende lo real de la lengua, propongo una reflexión sobre el efecto del humor como discurso, en medio del psicoanálisis y el análisis del discurso.

**Palabras-clave:** Discurso, Psicoanálisis, Lengua, Humor, Significado.

Recebido em: 15/05/2023

Aprovado em: 29/07/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

## Introduzindo a Piada

O humor tem sido levado muito a sério como estratégia de pôr em funcionamento a linguagem, que, de um certo modo, desestabiliza as redes de significação, fazendo-nos perceber quão ampla são as possibilidades de emergência dos efeitos de sentido.

Se o riso é um traço tipicamente humano, cabe investigar os modos de produção e os efeitos de sentido do humor e como esse sentido constitui o sujeito da e na linguagem, uma vez que é por meio linguagem que damos sentidos ao nosso dizer e ao dizer do outro, ao mesmo tempo em que damos sentido a nós e ao outro como sujeitos (re)produtores de discurso.

Para Bergson (1983, p. 7), “o cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito. Ele se destina à inteligência pura”.

Entretanto, essa inteligência deve, necessariamente, conviver com outras inteligências para que haja efetivamente o riso. Em geral, não riríamos de qualquer coisa que fosse ao percebermo-nos sozinhos. Ao contrário, rimos justamente pela confluência social de nossas inteligências, que provocam o eco vital para o riso. Logo, o riso possui significação enquanto constructo social.

Nas palavras de Bergson, “Para compreender o riso é preciso recolocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade; é preciso principalmente determinar sua função útil, que é uma função social. [...] O riso deve responder a certas exigências da vida comum. O riso deve ter uma significação social.” (1983, p. 8).

Nesse entendimento, o humor pode ser compreendido como dispositivo estratégico de crítica à sociedade, uma vez que o riso tem uma função social que, de certo modo, rompe com a ordem do sentido, podendo acolher e/ou reprimir determinados discursos de modo a reforçar ou romper com o pensamento hegemônico.

Tendo como pressuposto o humor como uma forma de o sentido se inscrever na possibilidade de um dizer na história, este artigo busca teorizar de que modo os sentidos são postos e ressignificados a partir da imbricação de uma e outra significação da língua quando se altera o modo de composição da cena enunciativa desse dizer. E a implicação de cada um de nós em tudo isso. Para isso, mobilizo a ideia de humor no chiste elaborada por Freud e retomada por Lacan para e, a partir desses autores, proponho uma reflexão do efeito do humor chiste como discurso, no entremeio da psicanálise e da análise de discurso.

## A graça no Freud

Freud (2017 [1905]) lança seu estudo sobre o chiste a fim de apontar a relação deste com o inconsciente, alegando que os textos que abordam o chiste, seja na arte ou na psicologia, têm se apresentado

insatisfatórios. Exceção que faz para as reflexões do escritor e poeta Jean Paul (pseudônimo de Johann Paul Friedrich Richter, 1763-1825) e dos filósofos Friedrich Theodor Vischer (1807-1887), Kuno Fischer (1824-1907) e Theodor Lipps (1851-1914), ainda que, para Freud, nesses autores, o tema do chiste fique em pano de fundo para dispensarem maior interesse ao cômico. Por isso, de acordo com ele, em princípio, seria impraticável o tratamento ao chiste fora do contexto do cômico.

Freud apresenta uma síntese das proposições desses pensadores alemães. Em Lipps (apud FREUD, 2017 [1905], p. 16), o chiste é “a comicidade inteiramente subjetiva” o que implica nos comportarmos sempre como sujeito superior e nunca como objeto. Ele entende o chiste como uma evocação consciente e habilidosa, em dada situação, para a comicidade. Já Fischer aponta que o objeto da comicidade é o feito; e recorre à caricatura como forma de desvelar aquilo que está escondido, que tem de ser descoberto e acentuado sob o prisma do cômico. Para isso, é necessária uma força capaz não só de representação mas, sobretudo, de refletir sobre a própria representação, uma força que conduz o pensamento. Essa força o autor entende como o juízo, sendo o chiste o resultado do contraste cômico desse juízo. Indo além, Fischer propõe o chiste como um juízo lúdico, uma vez que nada se exige do objeto para satisfação de nossas necessidades primárias, apenas sua contemplação. “A atitude estética é *lúdica*, em contraposição ao trabalho.” (FREUD, 2017 [1905], p. 18, grifo do autor). Para Jean Paul, a liberdade está para o chiste assim com este está para aquela. O chiste, diz ele, é um puro jogo com as formas de se pensar; a disposição para se encontrar semelhança no diferente, naquilo que está oculto. Ao que Vischer objeta que há chistes em que não se observa nenhuma comparação e, por consequência, semelhanças. Afastando-se um pouco de ideia de Jean Paul, Vischer define o chiste como a presteza para unir em unidade, e forma dinâmica, diversas representações cujos conteúdos internos e contextos são essencialmente estranhos entre essas representações. A isso, Fischer argumenta que em muitos juízos chistosos o que está em questão é a diferença e não a semelhança. E Lipps destaca o fato de que essas definições caracterizam o chiste que o anedotista já sabe e não o que ele produz. Esse ponto será importante para a definição de chiste em Freud como veremos mais adiante.

Freud traz à baila, ainda, outras perspectivas traçadas para tentar descrever ou conceituar o chiste: o *contraste das representações*, o *sentido no absurdo* e a *estupefação e aclaramento*.

O *contraste das representações* é apontado por Emil Kraepelin (1856-1926), citado como o criador da moderna psiquiatria, para quem o chiste seria a ligação arbitrária geralmente por meio do recurso da associação de palavras com representações contrastantes entre si. Ponderando essa definição, Lipps alega que o contraste permanece, mas não se trata de um contraste que atua de um modo ou de outro entre as representações e as palavras, e sim o contraste entre o significado e a falta de significado das palavras. Ou seja, trata-se de conceder às palavras um significado que, contudo, não se poderia conceder.

Nesse ponto, a oposição entre sentido e falta de sentido ganha relevância, uma vez que aquilo que num momento foi tomado como pleno de sentido mostra-se em outro sem sentido, e é nisso que consiste o processo cômico. Trata-se de um processo psicológico em que o significado do enunciado chistoso advém de um empréstimo de sentido, tomado por verdadeiro, que admite consequências, à consciência ou produz a impressão de uma relativa nulidade. Empréstimo-se uma consequência lógica que vai além do conteúdo verdadeiro, ou seja, empréstimo-se um sentido a um enunciado ciente de que este sentido não pode lhe pertencer de forma lógica, eis o *sentido no absurdo*. A esse respeito, Freud (2017 [190-5], p. 21) questiona “se a oposição do pleno de sentido ao sem sentido, na qual se baseia o sentimento de comicidade, também contribui para a determinação conceitual do chiste enquanto distinto do cômico.”. E é isso o que Freud vai investigar.

A condição *estupefação e aclaramento* também intensifica a relação, problematizada por Freud, entre o chiste e o cômico. Assim, mobiliza o cômico em Immanuel Kant (1724-1804), para quem a principal característica é a de iludir-nos apenas por um momento. E em Gerardus Heymans (1857-1930), segundo o qual, o efeito de um chiste é produzido pela sequência de estupefação e aclaramento. Para demonstrar essa proposição, Heymans faz uso do chiste do poeta Heinrich Heine (1797-1856), em que um dos seus personagens, um pobre agente de loteria e pedicuro, se vangloria de ter sido tratado por um rico barão como um semelhante de forma particularmente *familiário*. Essa palavra surge como uma forma equivocada, incompreensível, causando espanto. A comicidade se faz no desfazer da estupefação, isto é, com o aclaramento da palavra. Em acréscimo, Lipps dirá que a esse primeiro estágio do aclaramento – a compreensão de que palavra estranha significa isso e aquilo – se segue um segundo, no qual se percebe que a tal palavra primeiro causou espanto para depois fornecer o sentido correto. É o segundo momento – que produz a dissolução no nada – que fornece a compreensão de que uma palavra sem sentido no uso comum da língua é a causadora da graça do chiste. Uma outra propriedade do chiste reconhecida por todos os autores é a brevidade. “O chiste diz o que tem a dizer nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras de menos [...]”. (LIPPS, p. 90 apud FREUD, 2017 [1905], p. 23).

Ao final da primeira parte de sua discussão, Freud destaca a vinculação do chiste com a caricatura – que faz aparecer aquilo que está oculto ou escondido – por entender que essa proposição tem mais a ver com a natureza do chiste do que com a produção do cômico.

Na sequência, Freud é levado a questionar qual a ligação entre as propriedades levantadas dispersamente por esses pensadores; e se um chiste teria de satisfazer todas essas condições para ser de fato um chiste, ou se apenas algumas delas e, sendo assim, quais poderiam ser substituídas umas pelas outras e quais não. Além disso, como agrupar ou dividir os chistes a partir de suas particularidades tidas como

essenciais. A divisão encontrada nos autores se baseia de um lado pela forma técnica e de outro pela aplicação do chiste – trocadilho, chiste de caricatura, de caracterização ou de zombaria.

Uma das justificativas usadas por Freud para ampliar o estudo do chiste consiste na defesa que de há uma conexão íntima entre todos os acontecimentos psíquicos de modo a garantir que um conhecimento psicológico acerca de um dado campo tenha importância também para outros campos, mesmo que aparentemente distantes um do outro. Ele chama a atenção ainda para o fascínio que o chiste desperta em nossa sociedade. “Um chiste novo funciona como um *acontecimento* de interesse geral; ele é passado de uma pessoa à outra como a mais recente notícia de vitória na guerra.” (FREUD, 2017 [1905], p. 26, grifo meu). Neste ponto, chamo a atenção para o termo acontecimento que pretendo aprofundar mais adiante, neste trabalho.

De modo a avançar na compreensão em torno da técnica do chiste, Freud retoma o enunciado do personagem de Heine “[...] sentei-me ao lado de [...] e ele me tratou como um semelhante, de modo bem familiar”; e pergunta o que transforma essa fala em um chiste. Ele indica que só poderia haver duas respostas: ou é o pensamento expresso na frase que porta o chiste, ou o chiste está na expressão que o pensamento encontrou na frase. Seja em uma ou outra direção, Freud acredita que aí está a essência do chiste que orienta sua investigação, haja visto que um pensamento pode ser expresso em diferentes formas linguísticas, portanto, em palavras capazes de refleti-lo da maneira mais apropriada. No exemplo dado, ele aponta que temos uma determinada forma de expressão de um pensamento que é muito peculiar, não sendo a que seria a mais compreensível. Alude a uma paráfrase possível “[...] me tratou como um semelhante, de modo bem *familiar*, isto é, até onde um *milionário* é capaz de fazê-lo”. E acrescenta, “A condescendência de um homem rico [...] tem sempre algo de desagradável para aquele que a experimenta” (FREUD, 2017 [1905], p. 26, grifos do autor). Para Freud, o caráter chistoso não está no pensamento, o que está posto nessa fala é de uma indisfarçável amargura de um homem pobre frente a tão grande riqueza, mas que não seria propriamente um chiste. Argumenta que a fala do personagem nos faz rir, contudo a versão proposta como parafrástica não podendo apenas nos servir para suscitar reflexão. Assim, se o caráter chistoso não reside no pensamento, logo ele deve ser encontrado na forma, ou seja, nas palavras que o exprimem. Ele é levado a perguntar em que consiste a técnica do chiste; o que ocorreu com o pensamento, no exemplo dado, até que dele surgisse o chiste. E aponta duas respostas. Primeiramente houve uma considerável *abreviação*, isto é, o pensamento completo posto na paráfrase é exprimido de forma reduzida pelo poeta, em que a restrição que a segunda proposição acrescenta à primeira – que atestava o tratamento familiar – perdeu-se no chiste, mas não sem um substitutivo que garanta sua reconstrução. Em seguida, houve ainda uma segunda modificação, a palavra “familiar” foi transformada em “familiar”, é dessa combinação de palavras que emerge o caráter chistoso e produz o efeito de riso.

Do processo de formação do chiste, Freud chega ao que entende ser a técnica do chiste, uma *condensação com formação substitutiva* e, no exemplo, a formação substitutiva consiste em uma *palavra composta* [famili-ar + milion-ário]. Assim, a palavra “famili-ário” que seria incompressível por si só, no contexto chistoso passa a ser plena de sentido, sentido este causador do riso; importante destacar. Este é outro ponto de interesse a Freud: em que medida um processo de condensação linguística de formação de palavra composta por substituição pode fornecer prazer ao ponto de levar-nos ao riso?

Após analisar um número maior de chistes, Freud identifica um segundo grupo, em que observa a ocorrência da *condensação com modificação*. Porém, ao comparar estes com os primeiros – os de condensação com formação de palavras compostas – entende que as diferenças não são essenciais, e que as fronteiras entre uma à outra são fluídas.

Freud primeiramente intui que o chiste não é produto de um conteúdo, mas de uma técnica em que consiste um modo particular de arranjar as palavras. A partir da análise dessa técnica, ele deduz que elas têm a mesma origem e função que os sintomas neuróticos, os sonhos e os atos falhos, assim, conclui que o chiste é também uma forma de expressão do inconsciente.

O estudo de Freud baseia-se na caracterização do estilo e da estrutura dos chistes em que a condensação ou a modificação de palavras é causa do efeito da graça. Freud chega à *intenção* como elemento para escolha de cada pessoa por um estilo ou forma de chiste. Essas escolhas orbitam entre duas classes de chistes, as quais o estudioso trata de separar em chistes *tendenciosos* e chistes *inocentes*.

Freud entende o chiste inocente como aquele em que o efeito é geralmente o riso moderado, proporcionado principalmente pelo conteúdo intelectual que carrega, via de regra, fazendo uso de rimas ou de jogos de palavras. Eis um dos exemplos que Freud (2017 [1905], p.131) se serve: “Ele não apenas não acreditava em fantasmas, como nem sequer tinha medo deles.”. É com base na análise dos chistes inocentes – dos quais não tememos a perturbação de nosso juízo por algum conteúdo – que Freud propõe serem as próprias técnicas origens de fontes de prazer.

Já o chiste tendencioso é aquele capaz de acarretar numa explosão de riso. Disso temos uma das questões que desperta o interesse de Freud; sendo a técnica a mesma para as duas formas de chiste, o que atua no chiste tendencioso de modo a se sobressair sobre o chiste inocente à produção do riso? A resposta de Freud é que os chistes, em especial os tendenciosos, funcionariam como uma forma de liberar determinados pensamentos inibidos, mas apenas os chistes tendenciosos, por conta de seu objetivo, poderiam despertar fontes de prazer que os chistes inocentes não poderiam acessar. Ele refina a relação entre conteúdo e técnica e afirma que enquanto o riso do chiste classificado como inocentes é decorrente apenas de sua técnica, a graça do chiste tendencioso é fruto tanto da técnica quanto do conteúdo expresso pelo próprio chiste em que a finalidade derradeira consiste na satisfação de desejos inconscientes.

Os chistes tendenciosos atuam como forma de confrontarmos nossas inibições para darmos vazão a conteúdos inconscientes por meio de nossas pulsões. Dito de outro modo, essa modalidade de chiste permite que sejam trazidos à consciência conteúdos que por outros meios não seriam possíveis de serem expressos. Nesse aspecto, apresenta função similar à do sonho. Temas tabus, a exemplo dos de cunho sexual, que geralmente não são discutidos por pessoas com pouca intimidade, diferentemente, são bem-vindos nesse tipo de chiste.

Nessa perspectiva, tomar a palavra por meio de um chiste, sobretudo no âmbito dos tendenciosos, pode servir para se expressar pensamentos cerceados. Dessa forma, o humor pode servir de lugar enunciativo onde o recalcado encontra liberdade para trazer à tona assuntos que estavam reprimidos, fazendo da mobilização do humor uma estratégia para se lidar com o recalque. Freud traz à baila o exemplo de um rei que avistou em suas províncias um homem extremamente semelhante à sua própria nobre pessoa. Num aceno, convocou o súdito junto a si e perguntou-lhe: “‘Por acaso sua mãe já serviu no Palácio?’ – ‘Não, Alteza’, responde ele, ‘mas meu pai, sim.’” (2017 [1905], p. 99-100). Nesse chiste, o efeito do humor consiste tanto da técnica quanto do conteúdo expresso por ele. No que tange ao conteúdo, temos a figura do rei que menospreza um plebeu por meio de uma insinuação de traição sexual por parte da mãe deste. Sendo assim, o dizer do detentor do poder àquele que nada ou pouco poderia dizer perante o escarnio do soberano. Diante da impossibilidade de ofender o rei e movido pelo desejo de não permitir a ofensa à própria mãe, a saída é pela técnica que envolve a escolha e o arranjo das palavras. Para Freud, a eficiência da técnica consiste justamente em escamotear o conteúdo do chiste, quanto mais velado mais provocará o riso e, portanto, mais prazer. Para deprendermos a técnica empregada, nesse exemplo, podemos aludir a uma paráfrase do conteúdo expresso pelo pensamento que move o chiste em que teríamos como resposta do aldeão: “não, alteza, minha mãe não fez sexo com seu pai, mas meu pai pode ter feito com a sua”. Essa outra formulação responderia a provocação do rei com um insulto à mãe do monarca, além de questionar a própria paternidade do rei, o que colocaria em xeque o seu direito ao trono, pois ele, sim, não seria um filho legítimo. A condensação do conteúdo evita o confronto direto, pois no lugar de um dizer explícito, outro tomou lugar de forma a não ser possível a afirmação de que o homem respondera ao rei com desrespeito. Nas palavras de Freud, dada a hierarquia, o insulto deveria aparentemente ser engolido em silêncio, mas, por sorte, o chiste mostra a maneira pela qual o insulto pode ser seguramente vingado “utilizando o método técnico da unificação para tomar a alusão e dirigi-la contra o agressor.” (2017 [1905], p. 150).

Cabe ratificar, então, que, para Freud, a principal característica dos chistes é a sua técnica e não seu conteúdo, mas não sem este quando se trata de liberar temas recalcados. O pensamento é condensado por meio da modificação ou substituição de palavras. A condensação é um processo que Freud, também, localizou nos sonhos, contudo nos chistes ocorre sempre mediante um ato de dizer ao outro e estabelece,

desse modo, uma função com o social. Os chistes produzem o que Freud chamou de economia do *gasto psíquico*, o que torna possível que tenhamos prazer por esses temas reprimidos, e faz com que possamos dizer aquilo que, em princípio, estaria interdito.

Numa tentativa de síntese podemos dizer que Freud separou os chistes em dois grandes grupos, os de pensamento (falácias, silogismos...) e os de palavra (deformação, condensação, substituição...), mas, talvez, em decorrência das tantas subcategorizações entre os chistes, não tenha conseguido encontrar o que buscava, o ponto em comum capaz de apontar a sustentação de sua proposta teórica.

### A (des)graça do Lacan

Lacan interessa-se por três textos de Freud que considera esquecidos na formação do psicanalista: *Interpretação dos sonhos* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) – que trata dos atos falhos – e *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905).

Freud estabelece uma diferença entre o cômico e chiste – *vitz*, em alemão – que em francês foi traduzido por dito espirituoso e no Brasil pode ser compreendido como uma tirada, um gracejo, uma sacada na e pela linguagem que envolve o trabalho com a palavra; esse modo de mobilizar a língua estaria a serviço das formações do inconsciente.

Diferentemente dos sonhos e dos atos falhos, o chiste estabelece um processo social; é necessário que se forme um laço com o outro, em que o chiste passe a ser esse próprio laço. Assim, o chiste forma e, de certo modo, autoriza grupos com a mesma afinidade, em que o chiste pode funcionar como o elo que garante os pertencimentos de seus membros, o que Lacan chamou de paróquia. É o que acontece quando piadas machistas, racistas, homofóbicas encontram um auditório e funcionam ali como piada. O chiste só é chiste quando seu efeito é o riso, quando isso não acontece é sempre uma tentativa de chiste, mas não o é de fato. E o riso é prazer, satisfação produzida pelo chiste. Por isso que sempre queremos reproduzir a piada, ou seja, contá-la para outra pessoa, fazendo aí um investimento para sentir esse prazer novamente. Pela definição freudiana, é próprio do prazer tentar alcançar essa satisfação mais uma vez. Decorre daí o que Lacan identifica como estrutura da transmissão simbólica a três. Alguém me conta uma piada, eu conto para outra pessoa e assim sucessivamente... Se esse outro ri, eu consigo retomar um fragmento de gozo. Por isso, para Lacan, o gozo é sempre do outro. O meu riso é a minha identificação como o outro e seu prazer imanente ao chiste. Conseqüentemente, o meu riso se dá pelo processo de repetição que, também, é imanente do chiste. Gozo e repetição andam juntos.

As relações do chiste com o inconsciente, em Freud, levam Lacan à sua formulação com o significante nas relações entre o simbólico e o real e seus modo de gozo.



Lacan se interessa pelo **significante**. O significante não em sua interface com o significado, tal como na linguística saussuriana, mas o significante por ele mesmo que se materializa no dizer e se inscreve na escuta. Para isso, “é preciso que o **código** esteja em algum lugar” (LACAN, 1999 [1957], p. 18, grifo meu) para sua escuta no **discurso**. Esse código está no grande Outro. É por essa via que Lacan retorna a Freud, em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, para apontar o chiste como uma prática de linguagem só possível na língua, no encontro do código com o circuito do **sentido**. Quanto ao sentido, também diferentemente do interesse das teorias enunciativas encabeçadas por Benveniste, trata-se “dos sentidos que a **verdade** faz surgir neles, que ela literalmente introduz” (LACAN, 1999 [1957], p. 21, grifo meu). Para ele, “a essência da tirada espirituosa [...] reside em sua relação a uma dimensão radical, que se prende essencialmente à verdade”. (LACAN, 1999 [1957], p.28). Já a verdade, é sempre uma verdade; a verdade do dizer e não a verdade no dizer. Retomo a afirmação inicial e a complemento: Lacan se interessa pelo significante, uma vez que este tem a função de representar o **sujeito** e determiná-lo. Do posto neste parágrafo, em destaque, podemos inferir os elementos que permitem Lacan levantar a arquitetura da clínica psicanalítica a partir do seguinte diagrama: significante → código → discurso → sentido → verdade → sujeito.

Laberge (s/d) destaca que o ensino lacaniano volta-se para a substituição do “analista que se toma a sério pelo analista que toma o equívoco, o chiste, a sério” (p. 1). É a partir desse retorno ao texto freudiano que Lacan promoverá uma clínica do equívoco. O discurso do analisante é constantemente atravessado pelo equívoco, seja este chistoso ou não. “A tirada espirituosa faz parte do ambiente em tudo o que estou contando a partir do momento em que falo, pois falo forçosamente no duplo registro da metonímia e da metáfora. O pouco-sentido e o passo-do-sentido estão o tempo todo se entrecruzando [...]” (LACAN, 1999 [1957], p. 123).

Para Lacan (1998 [1953]), Freud encontra nos jogos de palavra a chave para a psicanálise. Tendo isso em consideração, Lacan passa a dar atenção especial ao valor da função poética de Roman Jakobson, cujo foco é o arranjo linguístico da própria mensagem; o dito por ele mesmo. Ele considera a poética a ponta suprema da estética da linguagem que incluiria a técnica do chiste, deixada à margem. “A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo [...] Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica.” (p. 322). Freud estabelece a analogia entre sonho e poesia, e Lacan amplia a dimensão poética ao apontar a relação entre chiste e poesia; o chiste posto na poesia, comenta Laberge (s/d).

Da palavra ao significante, do significante à letra. Esse foi o percurso de Lacan para tratar daquilo que fica entre o simbólico e o real. Nos estudos de Lacan, em *A identificação* (1961-1962), a letra ganha relevância dada a sua imbricação com o significante, uma vez que ela é o elemento que o diferencia. Com

uma estrutura diferente do significante, a letra é a essência dele, haja vista que constitui o suporte material pelo qual se distingue do signo. Contudo não se pode atribuir uma primariedade da letra em relação ao significante e nem confundir um com o outro, “A escritura, a letra, estão no real, o significante, no simbólico” (LACAN, 1971/1986, p. 28).

Dentre as investidas de Lacan para a formulação do que seria a letra, é importante destacar o ponto em que ele estabelece a separação entre letra e significante. Como já mencionado, a letra margeia o real – que não entra na cadeia do sentido – e o próprio significante – que adentra ao campo do simbólico. Disso, temos dois polos para compreendermos a dupla face da letra: aquela que marca um traço no corpo num devir significante – a se realizar ou não – e a letra que se transmite integralmente. Dois estatutos da letra totalmente distintos.

Nesse sentido é que a letra é entendida como uma espécie de franja que se inscreve entre as duas instâncias de ordens diversas (o simbólico e o real) escrevendo ou desenhando essa borda não muito bem definida no ser falante. Lacan, em vários de seus textos, destaca o valor da escrita, em particular da letra, ao caracterizar que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. Trata-se da escrita no corpo, portanto, não sendo a mesma forma de registro do significante.

Esse duplo da letra tem a ver com o modo como sua escritura se materializa nesses dois registros. A letra que se inscreve no corpo atua como rastro do real (não sentido). O real é a falta na rede da literalidade, uma falha indicativa da lógica da escrita. É aí que entra a função do trabalho da análise como processo psicanalítico: construir a interpretação que possibilite à letra uma leitura, para isso há de se torná-la significante com a sua entrada na ordem do simbólico; contudo, se algo pode ser lido é pressuposto sua inscrição em um processo de escrita. “Podemos dizer que a escritura é um registro da linguagem que não se confunde com ela. Uma letra que não se lê, atrela o sujeito ao nível do gozo/da letra.” (NICOLAU; GUERRA, 2012, p. 235).

Da escritura à leitura. Letra metáfora ou metonímia? É partir da letra que Lacan estabelece as relações pelos efeitos metafóricos e metonímicos. Contudo, diferentemente dos estudos que envolvem as figuras de linguagem, aqui o sentido é posto em suspenso. Na metonímia, deslocamento. Nessa forma de manifestação, nunca está presente a causa tampouco o sentido, só os vestígios de seu traço que marca o corpo. Há de se percorrer esse rastro num trabalho de decifração da letra e inscrevê-la em outra instância, como já dito, no registro simbólico do significante. Na metáfora, condensação. É na condensação que a letra se torna possível a um sentido, permitindo, assim, o sintoma ser lido. Por isso, a análise investe no trabalho de assunção à letra em sua face de legibilidade e de leitura. Em Lacan (1998, [1957]), a metonímia serve de transporte da significação como meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura, já

a metáfora é a estrutura de superposição dos dignificantes, daí a indicação de sua conaturalidade com a poesia.

É em *O Seminário sobre “A carta roubada”* (1998 [1957]) que Lacan faz uso do termo ‘lettre’ pela primeira vez<sup>1</sup> e associa a ambivalência da palavra – que em francês pode encarnar tanto o sentido de ‘carta’ quanto de ‘letra’ – à palavra ‘litter’ – que abriga o sentido de ‘lixo’. Já nesse momento de formalização do conceito de letra, o termo é alçado a uma ideia de materialidade que tanto se apresenta quanto faz circular o discurso. O mote de Lacan é o conto de Edgard Allan Poe em que uma carta precisa ser recuperada porque colocava a rainha em uma situação de infidelidade perante o rei. Para evitar que peguem a carta, a rainha a deixa a vista de todos, porém misturada a outras cartas antigas; os agentes de investigação chegam a pegar a carta nas mãos, mas a confundem com lixo. Depois de cumprir a função de mensagem ao destinatário, a carta circula de mão em mão como objeto-dejeto, resto possível de ser descartado. Lacan assinala o destino da carta para além de sua função mensageira, decorre daí seu duplo: transmissão de uma mensagem e lixo. Da analogia da carta roubada, arrisco dizer que o que fica é letra/carta como mensagem, a carta/letra não mais interessa depois de sua decifração, assim, volta a ser resto de qualquer coisa a ser descartada, lixo, aparentemente sem valor, mas ainda letra. Nesse sentido, a letra marca para demarcar um ponto limite entre um significante e um além.

No chiste, o significante espirituoso assume o caráter de termo por excelência por se instaurar ali no exato lugar do não-sentido no tempo exato e imediato de um raio a iluminar o breu. Nos termos de Lacan, “A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens”, ou seja, de dois significantes atualizados ao mesmo tempo. “Ela brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com a cadeia.” (LACAN, 1998 [1957], p. 510). Aqui mais uma vez a relação entre chiste e poesia; o efeito de significação advém da faísca criadora tanto num quanto noutro. E, no final desse texto, *A instância da letra*, Lacan (1998 [1957], p. 532) afirma que “o sintoma é uma metáfora” e “o desejo é uma metonímia”. Ele termina o texto pontuando que a metáfora está ligada à questão do ser, e a metonímia, à sua falta (p. 533). É disso que se trata no *Seminário 5 As formações do inconsciente* (LACAN, 1999 [1957-1958]), uma vez que sem a participação da metáfora e da metonímia no significante “não haveria nenhuma sanção possível da tirada espirituosa.”. E o mais importante tanto nas investigações de Freud quanto de Lacan, “Não haveria meio de distingui-la do cômico, ou da brincadeira, ou de um fenômeno bruto de riso.” (p. 49). Por conseguinte, a emergência de significante é capaz de capturar algo

---

<sup>1</sup>Silva (2018) entende que essa data deve servir como uma orientação geral sobre a formulação desse conceito, uma vez deste os primeiros seminários já se pode encontrar passagens em que o sentido de *lettre* se aproxima de uma formalização conceitual: no Seminário 1, aparece a ideia de leitura ligada à estrutura significante; também *lettre* tanto no sentido de carta quanto de letra; além de outras ocorrências como *hieróglifo*, *signo*, *alfabeto*, *ordem do ser literalmente criada pelo simbólico*, entre outras.

que está enredado pelo inconsciente e que vem à tona numa espécie de tropeço, de ato falho, que entra na cadeia de “um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer, que se manifesta como um acidente, um paradoxo, ou até um escândalo.” (p. 54). Eis a questão central: “[...] nas condições em que se produz esse acidente, verifica-se que ele é registrado e valorizado na categoria de fenômeno significativo de engendramento de um sentido.” (p. 54).

Na poesia, o cerne de seu efeito está precisamente sobre esta ambiguidade de que falo e que qualifico de duplo sentido. (LACAN, 1976-1977, Seminário 24, lição de 15/02). O mesmo duplo sentido que faz do equívoco um chiste. A metáfora e a metonímia apenas contribuem para a interpretação quando são capazes de fazer função de outra coisa, por meio da qual som e sentido se unem intrinsicamente. É na medida em que uma interpretação apropriada extingue um sintoma que se pode dizer que a verdade se especifica por ser poética. (LACAN, 1976-1977, Seminário 24, lição de 19/04). O alcance do dizer, para Lacan, funda-se pela ressonância da tirada espirituosa cuja sustentação está no equívoco. Esse ressoar é do significante.

Mesmo sem sentido, o real produz um efeito, por isso a procura de um significante no não sentido. Parece vir daí a ideia de se criar um significante novo, uma tentativa de dar sentido ao não sentido; se interroga Lacan (1977-1979): “Porque não se inventaria um significante novo?” Sua resposta é de que tentamos fazer isso, sendo esta justamente a proposta do chiste.

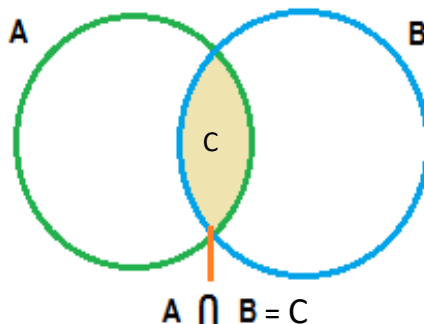
### **A minha graça**

Parto, sobretudo, das formulações de Freud e Lacan, em torno do chiste, para inserir aqui a minha proposta que consiste em analisar o humor decorrente do modo de operar a palavra e a implicação dos sentidos no discurso. Mais especificamente, a graça como efeito metafórico das redes de sentidos implicados. Contudo, esse efeito metafórico emerge de uma relação metonímica com o sujeito que se revela no ato de rir. Tomo as concepções de metáfora e de metonímia tais como formuladas por Lacan, em que a primeira significa “para além do significante como aquilo através do qual, apesar de tudo, expressa sempre uma coisa diferente” (LACAN, 1999, p. 156), enquanto a segunda marca o deslocamento do sentido que está no corpo daquele que ri. Para exemplificar, tomamos uma piada de cunho racista, o efeito metafórico condensa os vários sentidos do que é ser negro, atuando para fazer emergir um sentido que coloca o negro em uma situação de inferioridade ao branco, rir desse sentido não apenas alça esse efeito de sentido como revela um sentido para o sujeito que se põe a rir, o de um sujeito preconceituoso, que discrimina, marginaliza, segrega, age com desprezo, desigualdade, hostilidade, injustiça e violência contra o negro. Em

síntese, a metonímia inscreve no corpo o modo como o inconsciente dá sentido ao efeito metafórico do chiste.

Discursivamente, penso que o humor de uma piada não é decorrente duplo sentido, como muitas vezes costuma ser formulado, ou seja, da passagem de um sentido primeiro para um segundo sentido. E, sim, da ordem de um terceiro sentido que só produz seu efeito quando se constitui concomitantemente pelos sentidos primeiro e segundo, e que, sobretudo, opera no terceiro; no ponto de charneira entre os sentidos.

Vejam os esquema:



Fonte: elaboração do autor.

A metáfora ou o efeito do humor consiste juntamente no ponto da intersecção dos sentidos do conjunto A e B, mas, ao mesmo tempo, não significa mais A tampouco B, apesar de mobilizar o sentido de A e B conjuntamente, é justamente esta sobreposição – e não justaposição – que chamo de terceiro sentido, o conjunto C, que produz o efeito de humor propriamente dito. Em termos de discurso, o humor só é possível como resultado da atualização de uma memória, mas que ao se atualizar se reatualiza afetada pelos sentidos das palavras outras adjuntas à formulação. Em análise de discurso, costumamos dizer que a formulação é da ordem do intradiscurso enquanto a constituição é o interdiscurso, a memória de um já dito que torna possível um dizer novo. Só que essa memória nada mais é que um esquecimento necessário para que o sujeito, ao dizer, assumo o dizer como seu. No caso do humor, há um jogo com essa memória-esquecimento que consiste, num primeiro momento, na necessidade de que ela não se instaure, no entanto, como a formulação chistosa opera mobilizando palavras outras (sentidos diferentes) no lugar de outras palavras (sentidos repetidos/paráfrase) há aí uma indicação de resgate dessa memória para que – como dito – seja reatualizada no bojo dos sentidos sobrepostos.

A partir dessa ideia, proponho a graça do chiste como um **acontecimento** que produz uma ruptura nos sentidos já postos e estabilizados – tanto o primeiro quanto o segundo sentido – para instauração de um novo campo semântico em que o que chamo de terceiro sentido adentra na rede de significância borrado pelos sentido anteriores. Pêcheux, ao discutir o papel da memória, entende que haveria sempre um jogo de força na memória sob o choque do acontecimento, um jogo entre a “estabilização parafrástica negociando

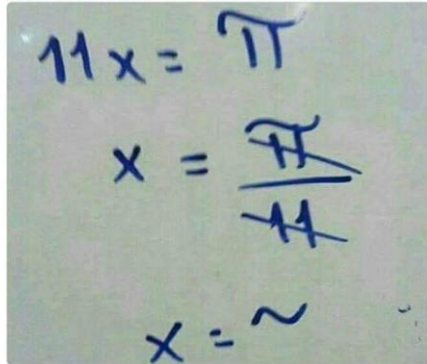
a integração do [sentido do] acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo; mas também, ao contrário, um jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”.” (PÊCHEUX, 2010, p. 53). A proposição do autor é posta para o funcionamento da memória na formulação de todo o dizer que tem uma história ao mesmo tempo em que produz uma história. Diferentemente, ao propor a ideia de acontecimento para o chiste, delimito o campo de inscrição desse sentido outro à sincrônica do tempo em que a piada se produz. Importante: para que a piada funcione, o sentido outro não pode estar estabilizado, é necessário que ele sempre irrompa como um sentido revelado; dito de outro modo, produza sempre um **sentido acontecimento**.

Outra questão relevante para pensarmos o funcionamento do chiste como acontecimento diz respeito justamente ao sentido estabilizado. Este sentido já conhecido (no caso do primeiro sentido) é que garante a atualidade do campo semântico em que o chiste é contado e recontado e que, ao mesmo tempo, possibilita que este sentido seja abruptamente rompido com a instauração do sentido outro (segundo sentido). Vejamos um exemplo discutido por Freud (2017 [1905], p. 176): “A princesa real Louise se dirigiu ao crematório de Gotha para perguntar quanto custa uma cremação [*Verbrennung*]. A administração lhe respondeu: ‘Normalmente, 5 mil marcos. Mas da senhora só cobraremos 3 mil, pois já se queimou [*durchgebrannt sei*]’.”. Freud diz que esse chiste soa irresistível hoje (época de Freud), contudo a curto prazo perderá substancialmente nosso apreço, pouco tempo mais tarde, quando não for mais possível contá-lo sem que seja explicado quem foi a princesa Louise e o sentido do “já se queimou”, ele restará sem efeito apesar de produzir um bom jogo de palavras. Essa piada, hoje, nos mostra o que Freud previu em seu tempo. O sentido do contexto imediato da formulação da piada perdeu sua atualidade e depende agora de um contexto histórico. Isso é ruim para a produção do humor no chiste, uma vez que a piada tem um tempo: o tempo exato da instauração do sentido; nem antes, nem depois. Quando se precisa explicar uma piada (pelo seu contexto histórico) ela deixa de ser uma piada, justamente por perder o tempo. Esse tempo que leva o corpo ao ato de rir da irrupção do sentido.

Além de atentarmos para o sentido que o tempo historiciza, podemos notar, também, a implicação do sentido constituído na relação com a forma-sujeito, seja daquele que conta o chiste, seja daquele que ouve, ou ainda, daqueles de quem o chiste refere-se e para quem o chiste destina-se. A forma-sujeito é aquela em que a história inscreve na sociedade e constitui-se por uma certa contradição, o sujeito é livre apesar de não ser por completo. Nos termos de Orlandi (2001, p. 50), “Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: tudo pode dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la.”. Dito de outro modo, é dentro de uma forma-sujeito que se pode assumir uma posição sujeito e dizer o que se diz, ato que implica em dar sentido a esse dizer, mas, sobretudo, abrir para a possibilidade de o outro, também, poder dar sentido ao meu dizer e a mim mesmo pelo sentido atribuído à minha palavra. Passemos a um exemplo

de uma piada em que o mote é justamente o jogo do sentido estabelecido a partir do lugar marcado pela forma-sujeito e a disputa do sentido que cabe a posição pela qual o sujeito é interpelado.

Estudante de Humanas resolvendo questão de Exatas.



Não é o caso de explicar essa piada, pois, como já dito, ela deixaria de ser piada. Mas cabe notar as implicações de sentido aí postas. Tratar-se-ia de uma equação matemática, mas resolvida por um estudante da área de humanas; de imediato a oposição entre campos distintos se impõe em que um interdiscurso se faz presente para significar o chiste. No senso comum, essa oposição de área marca radicalmente o sujeito e o coloca em campos opostos, quem gosta/sabe matemática não gosta/sabe sobre a língua ou, ainda, quem é dos números não o é das letras. É dessa forma que, nesse chiste, o estudante de humanas resolve a questão: com um conhecimento matemático acerca o uso da regra de três simples, decompõe a letra grega  $\pi$  ( $\pi$ ) em que essa passa a ser significada como um numeral com um acento gráfico de letra – o que não faria sentido nem na matemática em na língua portuguesa. Ao eliminar os números, fica a letra e o acento ( $X = \sim$ ), isto é, aquilo que é relevante para o estudante de humanas. O efeito de humor pode ser analisado sob dois prismas: i) na relação entre os referentes - sobre quem e para quem se dirige a piada; ii) na relação com o sentido - o sentido de  $\pi$  ( $\pi$ ) é conhecido (mesmo que não se saiba calculá-lo matematicamente) assim como o sentido do numeral 11; contudo é o sentido novo advindo de forma inesperada que instaura um terceiro sentido que torna parte a letra ( $\pi$ ) representativa de um número propriamente dito(11) e parte um acento gráfico de palavra ( $\sim$ ). Interessante notar que o acento no número é algo da ordem do sem sentido, dessa forma, ao cortar os números da equação, o X da questão é apenas o acento ( $\sim$ ). Assim como não existe número acentuado, não existe acento sem letra. Sabemos que o acento, em língua portuguesa, é usado para dar a tonicidade ou a nasalização da palavra. Dito de outro modo, o acento é o que dá o tom da palavra, mas, no caso dessa piada, é o que sobra. É dessa sobra, desse resto; desse não sentido de um acento (til) sozinho que a piada ganha seu sentido; o sentido ao não sentido.

## Graças Finais

Muito já foi dito sobre o riso que se torna difícil uma exposição que dê conta das mais variadas perspectivas de se pensar sobre o tema. Neste artigo, procurei alinhar a reflexão sobre o riso como ato do corpo produzido do efeito de sentido no discurso. Assim, a metáfora dos sentidos do dizer mantém uma relação metonímica com os sentidos que o corpo sente e o inconsciente revela, numa perspectiva que dialoga com a psicanálise e a análise de discurso.

Ao finalizar este texto, cabe dizer que o riso pode até ser um assunto para se levar a sério, mas só funciona como ato quando produz um furo na sobriedade ao estabelecer uma relação metafórica entre o sentido do dito com o sentido no corpo. Dessa forma, há ainda muito a se dizer sobre o riso, mas, sobretudo, muito a deixar o riso dizer sobre nós.

E, para quem não riu? Eu diria algo contra o ditado popular, “rir nem sempre é o melhor remédio”. Não rir de certas piadas pode servir como um outro ato, um ato político na política do riso. Deixo aqui um espaço para se seguir a reflexão, agora, sobre o sentido do não rir. Além, disso caberia a investigação do porquê aquilo que nos faz rir num determinado momento de nossa vida pode não nos fazer rir em outro.

## Referências

BERGSON, H. **Ensaio da significação do cômico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FREUD, S. **Obras completas, volume 7: o chiste e sua relação com o inconsciente (1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LABERGE, J. **Do equívoco chistoso, interpretativo**. Disponível em: [http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/intibiblioteca/JLaberge/jlaberge\\_equivoco\\_chistoso\\_interpret\\_upld3.pdf](http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/intibiblioteca/JLaberge/jlaberge_equivoco_chistoso_interpret_upld3.pdf). Acesso em: 17. set. 2020.

LACAN, J. (1957-1958) **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. (1961 – 1962) **Seminário, livro 9: A identificação**. Trad. CORREA, I.; BAGNO, M. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. [Texto inédito] Disponível em: <http://lacanempdf.blogspot.com/2018/04/seminario-9-identificacao-jacques-lacan.html>. Acesso em 01 jul 2020.

LACAN, J. (1976-1977) **Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-bévues'aile à mourre**. [Texto inédito] Disponível em: <http://lacanempdf.blogspot.com/2019/06/seminario-24-portugues-linsu-que-sait.html> Acesso em: 07 ago. 2020.

LACAN, J. (1977 - 1979) "Unsignifiant nouveau", in **Ornicar?**, 17/18, Paris: Lyse, 1979.



NICOLAU, R. F.; GUERRA, A. M. C. O fenômeno psicossomático no rastro da letra. **Estudos em Psicologia**. UERJ, v. 12, n. 1, p. 226-241, abr., 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios de procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. **Papel da memória**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010, p. 49-57.

SILVA, G. C. Da carta à letra: construção do conceito de letra nos primeiros seminários de Jacques Lacan. **Archeronta**: Revista de Psicoanálisis y cultura. n. 30. 2018. Disponível em: [www.acheronta.org](http://www.acheronta.org) Acesso em: 30. set. 2020.